

PROSÓDIA E ENTONAÇÃO NA FASE PRÉ-LINGÜÍSTICA DA AQUISIÇÃO DA LINGUAGEM EM P.B.

Lígia Formico Paoletti¹

RESUMO

Estudos que propõem a correlação entre prosódia e/ou entonação à aquisição da linguagem, sobretudo do Português do Brasil, foram tratados por muito tempo de maneira periférica e escassa. Podemos dizer que este fato é decorrência, principalmente, das dificuldades metodológicas de análise dos dados de fala espontânea da criança de modo a não perder a qualidade sonora/acústica. A partir da problemática mencionada, nos propomos a fazer duas tarefas. A primeira, um levantamento de algumas pesquisas que enfatizam a descrição e análise da prosódia e aspectos como entonação da fala da criança; e a segunda, apontar os diferentes estudos da aquisição da prosódia feitos no Brasil.

Palavras-chave: Aquisição da Linguagem. Prosódia. Análise acústica.

ABSTRACT

It is possible to assure that there are only a few studies, mainly in Brazilian Portuguese which examine the correlation between intonation (pitch contour) and language acquisition. This fact occurs due to the methodological difficulties related to the acoustic quality of a child's naturalistic utterance. Based on the question mentioned, we have considered accomplishing two different tasks. The first one, a survey of some research that emphasizes the description and analysis of the intonation and aspects as the pitch contour of a child's utterance; and the second one, to point out the different studies of the pitch contour acquisition researched in Brazil.

Keywords: Language Acquisition. Intonation. Acoustic Analysis.

1 PROSÓDIA E AQUISIÇÃO DA LINGUAGEM EM P.B.

Podemos afirmar que estudos que propõem uma análise formal, especificamente acústica, da correlação entre prosódia e/ou entonação à aquisição da linguagem, sobretudo do Português do Brasil, foram tratados por muito tempo de maneira periférica e escassa. Em sua maioria, são estudos (apresentados a seguir) que fazem uma caracterização superficial (somente aditiva), ou, por vezes, muito subjetiva (analisando funções comunicativas) das características supra-segmentais dos contornos entonacionais.

A partir de levantamentos bibliográficos, ressaltamos que esse fato é decorrência, principalmente, das dificuldades metodológicas de análise dos dados de fala espontânea da criança de modo a não perder a qualidade sonora/acústica.

¹ Mestre em Lingüística. Professora do Centro Universitário Padre Anchieta.

Assim, apresentaremos alguns estudos que enfatizam a descrição e análise da prosódia e aspectos como entonação da fala da criança.

1.1 ENTONAÇÃO MODAL E A.L.

Alguns estudos sobre a aquisição da prosódia vinculam contrastes de F0² na fala da criança à entonação modal, ou seja, associam determinadas variações entonacionais, como curva ascendente e descendente, às funções pragmáticas de perguntas e asserção respectivamente. Podemos citar Flax, Lahey, Harris e Boothroyd (1991), os quais descrevem a relação entre variáveis prosódicas e funções comunicativas³.

Os autores afirmam ser este estudo inédito, pois trabalham com o que eles classificam de fase pré-lingüística da criança, isto é, de 0;11 a 1;2 anos. Eles demonstram que, desde a fase pré-lingüística, a criança apresenta uma tendência de associação entre contorno ascendente e algumas funções comunicativas determinadas como na linguagem de adultos. Essa tendência, afirmam, poderia ser o resultado do tipo de *input* que a criança recebe dos pais.

1.2 A PROSÓDIA MEDIADORA

Diferentemente do posicionamento anterior, outros estudos vêem com desconfiança a atribuição de significados modais às manifestações prosódicas da fala inicial da criança e contestam a interpretação de que os significados atribuídos pelas crianças às suas expressões lingüísticas são os mesmos dos adultos.

Scarpa (1999) afirma que

a prosódia possui um papel de via privilegiada de engajamento da criança no diálogo e, ao mesmo tempo, é o veículo primeiro da organização das formas lingüísticas, sobretudo através dos sistemas de ritmo entonação; é a possibilidade primeira ligando o som ao sentido⁴. (SCARPA, 1999, p.17)

A autora invoca esse papel mediador, pois afirma que as interfaces da prosódia com outros componentes lingüísticos⁵ somados são o *input* com o qual a criança se depara no processo de interação com adultos.

Assim como Scarpa (1999), outros autores, como Crystal (1969), Ryan (1978), Sullivan e Horowitz (1983) atestaram a importância mediadora da prosódia, tendo esta uma função social⁶.

² Contraste de F0, ou também chamado de contorno entonacional, é a configuração da curva prosódica, ou seja, do contorno entonacional de um enunciado. Pode-se entender como a variação de F0 num *continuum* sonoro, a qual direciona a curva entonacional, que pode ser ascendente, descendente e nivelada, com seus respectivos sub-grupos e variações. Para melhores especificações, ver Cagliari (1981).

³ Variáveis como altura de F0, duração e intensidade. As funções comunicativas por eles citadas são resposta imediata da criança, pedido de atenção, dar objeto, comentário interativo e não-interativo da ação.

⁴ Scarpa (1999), p.17.

⁵ Interface, segundo a autora, é puramente relação entre componentes. Algumas das interfaces seriam prosódia e processos fonológicos, a qual pode condicionar certos processos fonológicos, como redução silábica, devido à velocidade de fala; prosódia e posicionamento do acento nuclear, acarretando diferenças semântico-pragmáticas; prosódia e organização textual, pois certos fenômenos discursivos são ocasionados através da variação de tessitura e F0; dentre outros.

⁶ Crystal (1969) afirma que a função social da prosódia seria mostrar informações sociolingüísticas do falante como sexo, classe social e profissional.

Admitem também que a prosódia tem a função de demonstrar a força ilocutória dos atos de fala⁷, como a de expressar sua função intersubjetiva.

Entretanto, como poderíamos ligar a prosódia a uma função intersubjetiva na fala? Esses mesmos autores levantam a suposição de que esta relação se daria através dos contornos entonacionais. Desvinculam, assim, o contorno entonacional da função pragmática.

Tendo em vista esta nova categorização, isto é, a não univocidade entre contorno e formas pragmáticas, muitos autores estudaram a função e a relação entre entonação e processos dialógicos.

1.2.1 ENTONAÇÃO E TROCA DE TURNOS

Como anteriormente mencionado, os contornos entonacionais podem ser caracterizados como intermediadores de função social, ou ainda, durante o processo dialógico, como a “pista”⁸ ou incentivo para a troca do turno dialógico.

Encontramos esse tipo de referência em Fernald (1993), o qual mostra que o papel da entonação na troca de turnos depende da idade da criança. Estudos com crianças bem pequenas demonstram que marcas prosódicas e de voz exercem uma influência muito maior na inserção da criança na linguagem da mãe. Crianças maiores de dois anos, segundo o autor, dividem o papel dessas marcas com outras lexicais e sintáticas.

Scarpa (1990) diz que a literatura refere-se às “pistas” prosódicas que podem ser usadas como estratégias de segmentação, extração e processamento de informações através de pedaços do *input* do adulto. Esses pedaços do *input* podem ser utilizados pelas crianças como forma de “imitação” da fala do adulto.

Por outro lado, a autora introduz os conceitos de especularidade, complementaridade e reversibilidade no processo dialógico como alternativa ao termo “imitação”. Afirma que a entonação, juntamente a outros traços prosódicos, tem um papel importante na estrutura dialógica entre a criança e adulto.

Furrow (1984) examina as variáveis prosódicas na fala espontânea da criança e seu comportamento social durante esse ato.

Os comportamentos sociais considerados pelo autor são:

contato de olhos;

amostra de outro comportamento social (por ele não esclarecido);

nenhum comportamento interativo social durante a fala do adulto.

Afirma que esse comportamento poderia indicar que a criança, como os adultos, também utilizaria elementos prosódicos para objetivos comunicativos. Assim como crianças de dois anos de idade produziriam variações prosódicas dependendo do contexto em que a fala é produzida.

Podemos observar que as crianças também se inserem como participantes ativos nos processos dialógicos, utilizando suas próprias marcações prosódicas. Não podemos afirmar que elas

⁷ A força ilocutória dos atos de fala pode ser descrita como uma marca lingüística, uma ação que produz um efeito. Segundo Austin (1962), pode ser entendido como o efeito de ser compreendido e de produzir o efeito de criar um certo compromisso. Consiste em tornar manifesto como os enunciados devem ser compreendidos no momento em que são produzidos. Este manifesto realiza vários tipos de funções na língua, por exemplo, ordens, promessas, perguntas etc.

⁸ Termo empregado por Scarpa (1990).

possuam uma categorização entonacional, nesta fase inicial, desenvolvida como na fala de adultos, porém, elas se inserem no diálogo sem a necessidade de extração ou imitação do *input* do adulto.

A partir dos apontamentos mencionados, concluímos que há na literatura duas categorias principais de estudos de prosódia e aquisição da linguagem: a primeira de categorização modal, e a segunda, que considera a prosódia como força mediadora entre criança e diálogo.

1.3 PROSÓDIA E AQUISIÇÃO DA LINGUAGEM NO P.B.

Embora haja uma escassez sobre trabalhos de análises fonéticas/acústicas da entonação na aquisição da linguagem, sobretudo no Português do Brasil, citaremos abaixo trabalhos que analisam e descrevem a relação entre prosódia e/ou elementos prosódicos e aquisição da linguagem.

Gebara (1984) faz um trabalho longitudinal sobre o desenvolvimento do sistema entonacional de dois sujeitos, na faixa etária de 1;0 a 2;0, e examina os contextos em que os tons são usados e produzidos em situações de diálogo com seus interlocutores. Podemos dizer que o trabalho de Gebara foi o impulso para a realização do presente estudo, pois a autora descreve e analisa as funções, contextos e características fonéticas de dois sujeitos, T. e R., em três estágios diferentes, a saber:

1º estágio: do balbúcio até proto-palavras no período de 0;11 a 1;4 anos;

2º estágio: quando pode ser caracterizado o primeiro sistema tonal na fala da criança, engloba o período de 1;4 a 1;7 anos.

3º estágio: refere-se à expansão dos quadros mais iniciais das estratégias prosódicas relacionadas ao desenvolvimento do processo dialógico.⁹

Para o sujeito T., Gebara (1984) relaciona 07 tons e contextos de uso diferenciados na fala inicial da criança. Assim como 09 tons e contextos diferentes da fala do sujeito R.

A autora afirma, após análises auditivas e fonéticas da fala das crianças, que há uma continuidade no desenvolvimento prosódico da fala dos sujeitos, uma vez que algumas configurações entonacionais, que num primeiro momento parecem embrionárias, constituem sistemas de oposições entonacionais em fases posteriores.

Antunes (2000) descreve de maneira fonética a entonação de enunciados declarativos e interrogativos totais na fala de crianças e propõe uma estrutura fonológica para esses tons.

A autora construiu um corpus gravando crianças na faixa etária de três a cinco anos, de uma pré-escola, em situações espontâneas e em brincadeiras previamente preparadas para o objetivo do trabalho, e também gravou adultos imitando as frases selecionadas das falas das crianças, para que as análises acústicas não tivessem perda na digitalização, nem ruídos e interferências do ambiente. Suas conclusões e análises vêm a seguir.

Sobre as interrogativas totais, Antunes (2000) afirma que foram encontrados dois padrões melódicos, um ascendente e outro descendente, e a primeira distinção que pode ser feita entre a fala das crianças e dos adultos é a existência de um padrão melódico, cuja tônica do enunciado apresenta um movimento descendente na interrogativa total no português do Brasil. A autora, ao contrário de

outros autores que classificam o padrão descendente da fala de adultos como sendo típico de uma sentença declarativa ou de uma interrogativa parcial, demonstra que, para os enunciados interrogativos totais na fala de crianças, a principal característica entonativa encontrada é um movimento de F0 ascendente que começa na sílaba anterior à tônica do enunciado e termina na sílaba final do mesmo.

Seguindo a mesma linha de interpretação de Antunes (2000), Nascimento (2000) gravou as mesmas crianças no mesmo ambiente para recolher seu corpus, porém, com o objetivo de analisar prosodicamente o vocativo na fala de crianças. A autora separa os vocativos por modalidades, categorias gerais e categorias funcionais, caracterizando-os foneticamente.¹⁰ Após essas categorizações e análises fonéticas, Nascimento chega à conclusão de que nos vocativos as sílabas pré-tônicas e tônicas possuem uma elevação de F0 final, dando a impressão de que são sempre ascendentes ou niveladas.

Santos (2001)¹¹ discute três estratégias prosódicas de marcações de proeminência acentual na aquisição da linguagem: a utilização de contornos entonacionais, a estruturação prosódica e o arcaço acentual aliadas às aquisições morfológica e silábica. Apresenta as teorias fonológicas não-lineares sobre acentuação primária para o P.B e trata dos processos fonológicos que influenciam prosodicamente os enunciados, bem como as estratégias utilizadas pelas crianças no processo de aquisição do acento primário.

Ao final das comparações entre as teorias fonológicas e análises de dados, a autora chega a algumas conclusões em relação às propostas de estratégias prosódicas de aquisição do acento primário. São elas: ao mencionar o uso de diversos contornos, afirma que as crianças usam como *default* o acento do contorno entonacional (*accent*) em detrimento da seqüência segmental (*stress*), uma vez que há a coincidência entre acento do enunciado e acento entonacional.

Em relação à estruturação prosódica, Santos (2001) demonstra que, até o período de 2;3 anos, existe uma estratégia da criança em utilizar produtivamente *filler sounds* para o trabalho com a estrutura do contorno entonacional, isto é, a criança, aliando o *filler sound* a um padrão de acentuação do contorno entonacional, pode indicar que o sujeito ainda faz uso do acento nuclear em oposição ao acento da palavra.

A estratégia do arcaço acentual permite, segundo a autora, que a criança perceba que *accent* não é o mesmo que o *stress*. As crianças R. e T. assumem, então, o domínio da palavra e o domínio da frase entonacional como modelos acentuais diferentes.

O algoritmo acentual é a última estratégia analisada pela autora. Santos (2001) afirma que é uma estratégia da língua adulta, pois proparoxítonas são formadas, e essas formas indicam que a extrametricidade é parametrizada e que as crianças fazem uso do algoritmo acentual.

⁹ Maiores detalhes de descrições dos contornos e contextualizações de uso podem ser encontrados em Gebara (1984) ou Scarpa (1988).

¹⁰ A modalidade de maior interesse de Nascimento (2000) é a espontânea, cuja divisão em categorias gerais e funcionais tem as seguintes características: as gerais são os casos de vocativos isolados e iniciais; as funcionais são os casos de vocativo, chamado à distância, chamado insistente, pedido de atenção pessoal e súplica.

¹¹ A autora utilizou dados de dois sujeitos, R. e T., do período de 0;11 a 3;0 anos. Todas as recorrências foram retiradas do corpus já existente de Gebara (1984).

Independentemente das estratégias utilizadas pelas crianças, a autora observa que estas explicam a direcionalidade do processo de aquisição do acento primário em face de outros fatores lingüísticos, no caso fonológico.

Gonçalves (em andamento)¹² apresenta, em oposição a Santos (2001), a hipótese de que *filler sounds*, ou também chamados de sons preenchedores, são antes preenchedores prosódicos a sintáticos na aquisição da linguagem, pois são usados pelas crianças para garantir o ritmo das sentenças. Assim, não seriam categorias sintáticas definidas posicionalmente como sujeito preenchido, cópula etc.

A autora faz a análise de caso a partir da fala do sujeito G., que recobre a faixa etária de 1;0 a 2;0 anos. Os dados foram colhidos de maneira naturalística, ou seja, da fala espontânea do sujeito G. em situações cotidianas. Afirma que análises preliminares demonstram que a criança pode ser guiada aos limites de uma possível gramática através da prosódia e que se

há alguma previsibilidade de ocorrência de filler sounds na aquisição da linguagem, esta é de cunho prosódico e não primordialmente sintático, e que as posições sintáticas ocupadas por esses sons são possivelmente resultados de análises e reorganizações posteriores. (GONÇALVES - em andamento - sem página definida)

Campos (1994) propõe uma análise, mais especificamente entonação, das auto-repetições da fala inicial do sujeito R., do período de 1;6 a 2;6 anos. O objetivo da autora é comprovar que há a variação prosódica entre duas ocorrências de auto-repetição na fala da criança e que essa ocorre de forma significativa, demonstrando uma zona de estabilidade lingüística correspondente à estruturação do grupo tonal do sujeito.

Inicialmente, a autora realizou um estudo auditivo para a comprovação da não-reprodução exata da estrutura tonal da fala do adulto no turno da criança. Campos (1994) também afirma que há indícios de uma certa estabilização prosódica em relação à organização estrutural do grupo tonal da fala do sujeito R., pois comprova-se que as modificações tonais não são aleatórias, como afirma a literatura.

Apesar de considerar a análise auditiva significativa, a autora apresentou dois estudos-piloto que foram feitos a partir de análises acústicas da entonação e da forma segmental para corroborar os resultados anteriores. As análises acústicas recobrem duração dos segmentos, tessitura e direção das curvas entonacionais da fala dos dois sujeitos, mas não englobam, como as apreciações auditivas, todo o *corpus*. Embora sendo essa análise de caráter ilustrativo, a autora demonstra que modificações da entonação da fala da criança, que são difíceis de serem captadas de forma auditiva, são detectadas acusticamente. Assim, confirmando a hipótese da não-reprodutividade das auto-repetições.

Campos (1994) observa que o número de auto-repetições da fala da criança diminui à medida que se aproxima da forma da fala do adulto e conclui que os dados por ela analisados apresentam um princípio de estabilidade prosódica, mesmo que provisória, pois o sujeito estaria passando por uma “regulamentação” da própria língua. Estaria em um processo de relações associativas

determinadas por cruzamentos discursivos. Sendo assim, “as auto-repetições seriam uma marca formal da deriva discursiva”¹³ da fala inicial da criança.

Paoletti (2003) descreve e classifica de maneira auditiva e acústica os contornos entonacionais ascendentes da fala inicial de uma criança, por isso, denominado um estudo de caso. Para tanto, foram feitas gravações em ambiente naturalístico de um sujeito, denominado sujeito A., no período de 1;01 a 1;03 anos, assim como transcrições das sessões, marcações dos contornos ascendentes de maneira auditiva, análises acústicas e estatísticas dos dados para que pudessem corroborar o que, auditivamente, havia sido marcado como contorno entonacional ascendente. A autora também correlaciona aos contornos ascendentes as análises de tonicidade silábica e de âmbito de altura.

Passadas todas as etapas de análise, Paoletti (2003) chega à classificação dos contornos entonacionais ascendentes da fala inicial do sujeito A. Para todas as gravações, os contornos ascendentes foram rotulados de 01a a 03a, isto é, há 06 variedades de contornos. Como resultado final, a cada segmento dado como exemplo de contorno, foi feita a correspondência de número de sílabas, tonicidade das mesmas e qual o tipo de contorno de cada uma.

Como perspectiva final do estudo, a autora afirma que, para análises prosódicas e fonéticas da aquisição da linguagem de fala espontânea, assim como para análises da função dos contornos entonacionais da criança, se faz necessária uma composição das análises de transcrições auditivas com as análises fonéticas e estatísticas para que não haja enganos nas caracterizações dos contornos. Aspecto este que também foi discutido por Campos (1994).

2 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Primeiramente, gostaríamos de ressaltar o fato mencionado nas considerações iniciais, que estudos embasados acusticamente sobre a aquisição da prosódia do Português Brasileiro não são muito frequentes devido, principalmente, à dificuldade metodológica de se medirem amostras naturalísticas de forma a não perder a qualidade sonora/acústica.

Ao mencionarmos Antunes (2000) e Nascimento (2000), podemos dizer que, apesar de a descrição acústica ser bastante criteriosa e interessante, devemos apontar algumas ressalvas sobre a opacidade da fala da criança com relação ao adulto e ao investigador, mesmo em situações de imitação. As autoras, que tinham como objetivo de estudo a fala de crianças, analisaram dados da fala de adultos imitando a fala de crianças tendo como suporte metodológico uma suposta transparência de pistas prosódicas entre esses dois tipos de dados. Mesmo fazendo essa escolha, Antunes (2000) faz uma observação dizendo que há distinções no padrão melódico na fala da criança em relação à dos adultos, principalmente no caso das interrogativas totais.

Em contrapartida a essa metodologia, Paoletti (2003) e Campos (1994) escolhem a fala espontânea de crianças para análises acústicas dos movimentos de F₀, duração e intensidade dos dados.

¹² Letícia Gonçalves, aluna de mestrado em Lingüística da Unicamp, está desenvolvendo um estudo a respeito da relação entre sons preenchidos e prosódia na aquisição da linguagem.

¹³ Campos (1994), p. 139.

Paoletti (2003) julga que a situação experimental com variações acústicas controláveis na análise da fala espontânea da criança, que teoricamente nos forneceria melhores amostras acústicas, poderia apresentar alguns agravantes, como um certo artificialismo, principalmente com relação à espontaneidade dos dados, se é que seria possível realizar um trabalho experimental para analisar a produção lingüística tendo como sujeito crianças tão jovens. Afinal, a metodologia experimental básica de análises acústicas assenta-se em leituras de frases foneticamente equilibradas. Porém, para que os dados pudessem ter características acústicas adequadas e, ao mesmo tempo, uma espontaneidade desejada, a autora tentou estabelecer as seguintes normas de gravação:

O sujeito deveria utilizar um microfone de lapela unidirecional.

O ambiente de gravação deveria ser restrito aos locais onde os brinquedos estariam e que ao mesmo tempo ocorresse o menor ruído ambiente possível.

A partir da correlação entre a análise auditiva e acústica de dados de contornos entonacionais ascendentes da fase pré-lingüística da aquisição da linguagem, Paoletti (2003) constata que a opacidade lingüística em meio à fala da criança e o que o adulto ou o pesquisador ouve é comprovada, pois não há 100 % de correspondência entre as marcações auditivas e análises acústicas-estatísticas sobre as marcações dos contornos.

Santos, a partir das discussões de Cruttenden (1986) sobre a metodologia de estudos prosódicos, decide não utilizar ferramentas acústicas. Afirma que

a metodologia acústica é necessária para apontar as diferenças entre os diversos contornos entonacionais, mas, (...) nem sempre essas diferenças em frequência fundamental ou amplitude têm uma correspondente diferença no sistema prosódico da criança (...), a criança pode usar de um mesmo contorno para mais de uma função dialógica, ou uma função dialógica pode ter mais de um contorno entonacional (SANTOS, 2001, p.16).

Também afirma que, para a organização do sistema acentual em seu estudo, a relação entre traços prosódicos e seus sistemas são mais importantes a variações entre frequência fundamental, amplitude e duração. Gonçalves (em andamento), inicialmente, faz análises auditivas dos contornos dos *filler sounds* e provavelmente fará, como Campos (1994), estudos-piloto acústicos para corroborar a entonação dos dados selecionados.

Apesar das considerações acima e da nossa explícita escolha metodológica, não podemos apontar uma metodologia “ideal”, ou melhor, mais apropriada para a análise prosódica no período da aquisição da linguagem. São os objetivos científicos, estrutura física da unidade de ensino, financiamento para o estudo, dentre outras variáveis aqui não mencionadas, que direcionam as escolhas metodológicas das pesquisas.

Por fim, devemos ressaltar o fato de que trabalhos que analisam a fala da criança que recobrem o período das chamadas fase pré-lingüística, ou fase inicial, ou holofrástica, da aquisição da linguagem em P.B. ainda são um pouco negligenciados pelos estudiosos da aquisição da linguagem, mesmo tendo em vista o que anteriormente citamos de Scarpa (1999): a prosódia é via privilegiada de engajamento da criança no diálogo e primeira ponte entre som e significado.

REFERÊNCIAS

- ANTUNES, L.B. Análise da entoação de enunciados declarativos e interrogativos na fala de crianças. Dissertação de mestrado. Belo Horizonte, UFMG, 2000.
- AUSTIN, J, L. How to do things with words. Oxford, Claredon Press, 1962.
- CAGLIARI, L.C. Elementos de fonética do Português Brasileiro. Campinas, Unicamp, 1981.
- CAMPOS, C. O caráter não-reprodutivo e não-aleatório das auto-repetições na fala inicial. Dissertação de mestrado. Campinas, Unicamp, 1994.
- CRUTTENDEN, A. Intonation. Cambridge, Cambridge University Press, 1986.
- CRYSTAL, D. Prosodic development. IN: FLETCHER, P., GAMAN, M. editors. Language acquisition studies in first language development. Cambridge, Cambridge University Press, 1986.
- FERNALD. Human maternal vocalizations to infants as biologically relevant signals: na evolutionary perspective. IN: BLOOM, P. editor. Language acquisition. Core readings. Cambridge, The MIT Press, 1993.
- FLAX, J., LAHEY, M., HARRIS, K., BOOTHROYD, A. Relation between prosodic variables and communicative functions. IN: Journal of child language vol. 18, n. 01, p.p. 03-19. Great Britain, Academic Press, 1991.
- FURROW, D. Young children's use of prosody. IN: Journal of Child Language vol. 11, n°02, p.p. 203-213. Great Britain, Academic Press, 1984.
- GEBARA, E. The development of intonation and dialogue processes in two Brazilian children. Dissertação de Doutorado, Great Britain, University of London, 1984.
- GONÇALVES, L. Sons Preenchedores na Aquisição da Linguagem—Segmentos Prosódicos ou Sintáticos? Dissertação de mestrado –Campinas – UNICAMP- (em andamento)
- NASCIMENTO, A. Análise prosódica do vocativo na fala de crianças: uma abordagem fonética. Dissertação de mestrado, Belo Horizonte, UFMG, 2000.
- PAOLETTI, L.F. A entoação ascendente na fala inicial da criança: um estudo de caso. Dissertação de mestrado, Campinas, Unicamp, 2003.
- RYAN, M. , Contour in context. IN: CAMPBELL & SMITH editors. Recent advances in the psychology of language. Language development and mother interaction. P.p. 237-251, Scotland, Plenum Press, 1978.
- SANTOS, R.S. A aquisição do acento primário no português brasileiro. Dissertação de doutorado, Campinas, Unicamp, 2001.
- SCARPA, E. Desenvolvimento da intonação e a organização da fala inicial. IN: Cadernos de estudos lingüísticos , p. 68-84.. Campinas, Unicamp, 1988.
- _____ Intonation and Dialogue Processes in Early Speech. IN: CONTI-RAMSDEN e SNOW, C. editors. Children's Language. Vol 07, p. 147-169. New Jersey, L.E.A., 1990.
- _____ Interfaces entre componentes e representação na aquisição da prosódia. IN: LAMPRECHT, R. organizadora. Aquisição da linguagem, p.p. 17-38, Porto Alegre, EDIPUCRS, 1999.